



A encruzilhada entre associações e sindicatos: uma análise comparativa das tradições marxista e liberal na defesa do trabalho e do trabalhador

Beatriz Vitória Bratti Lamp | beatriz.vb01@aluno.ifsc.edu.br

Manuella Bonamigo | manuella.b20071@aluno.ifsc.edu.br

Renata Menegat Lange | renata.ml23@aluno.ifsc.edu.br

Rodolfo Denk Neto | rodolfo.denk@ifsc.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa analisa como as tradições filosóficas marxista e liberal compreendem os conceitos de “Associação”, “Sindicato” e “Sindicalismo”, bem como suas repercussões nas formas atuais de organização dos trabalhadores. O foco central é compreender de que maneira essas perspectivas teóricas definem e aplicam tais conceitos, moldando estratégias e estruturas de ação coletiva. Adota-se uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de obras, documentos e artigos acadêmicos, contemplando fontes primárias e secundárias. Entre os objetivos, destacam-se a identificação de aproximações e contrastes entre as correntes, a investigação de seus impactos nas práticas sindicais e o exame de casos recentes que exemplifiquem a aplicação dessas ideias. O trabalho buscou aprofundar a compreensão sobre as relações de poder e a evolução do sindicalismo, contribuindo para o fortalecimento de modelos organizativos mais justos e colaborativos.

Palavras-chave: formação geral; trabalho; precarização; desmobilização; solidariedade.

1 INTRODUÇÃO

A estrutura sindical brasileira, segundo Oliveira (2003), apresenta uma ambiguidade essencial: dentro de um mesmo modelo corporativista coexistem tanto os explorados quanto os exploradores. Essa configuração paradoxal revela que sindicatos e associações, apesar de sua origem como instrumentos de defesa dos trabalhadores, também podem ser apropriados e utilizados pelos detentores do capital. Longe de representar um simples vestígio autoritário, esse dualismo estrutural é crucial para compreender as transformações e impasses que marcam o movimento sindical contemporâneo no Brasil.

Nesse sentido, o estudo dos conceitos de “Associação”, “Sindicato” e “Sindicalismo” torna-se indispensável. Conforme Antunes (1999), tais categorias são expressões dinâmicas das relações econômicas, políticas e sociais que moldam o trabalho e suas formas de organização. Entendê-las em sua historicidade permite interpretar os efeitos da precarização, da flexibilização e da fragmentação sobre as identidades coletivas e a ação dos trabalhadores. Para o autor, a capacidade de organização — por meio de associações, sindicatos ou novas formas coletivas — é determinante para a resistência e afirmação da dignidade frente à lógica do capital.

Diante desse contexto, o presente projeto propõe analisar, de forma comparativa, as concepções marxista e liberal acerca desses conceitos, buscando compreender como cada tradição influencia as formas de organização e luta dos trabalhadores. O objetivo geral é investigar essas diferentes interpretações e suas implicações práticas, enquanto os objetivos específicos envolvem identificar convergências e divergências entre as abordagens, examinar seus reflexos nas práticas organizacionais e analisar casos contemporâneos que ilustrem a presença e a influência dessas perspectivas na realidade sindical atual.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho de iniciação científica adotou uma abordagem qualitativa, voltada à análise crítica e comparativa dos conceitos de “Associação”, “Sindicato” e “Sindicalismo” nas tradições marxista e liberal. O estudo, de natureza básica, baseou-se em fontes primárias e secundárias, com leitura e interpretação de obras clássicas, permitindo compreender as definições e usos desses conceitos em seus contextos históricos e filosóficos.

Inicialmente, realizou-se um levantamento histórico do movimento sindical e uma revisão teórica a partir do Dicionário Político de Norberto Bobbio, que fundamentou a construção de quadros sinóticos e a análise conceitual posterior. As fontes foram selecionadas em bases acadêmicas digitais, abrangendo autores centrais das duas tradições, como Marx, Engels, Lênin, Bakunin, Mill, Berlin, Rawls e Bobbio.

A análise combinou procedimentos qualitativos e quantitativos. A etapa qualitativa envolveu fichamentos e comparações entre autores, buscando convergências e divergências nas concepções teóricas. Já a análise quantitativa utilizou ferramentas digitais para identificar a frequência e o contexto de uso dos termos-chave nas obras.

Por fim, os resultados foram sistematizados em tabelas e quadros que evidenciaram padrões conceituais e estruturais, permitindo interpretar como cada tradição filosófica compreende e influencia as formas de organização e luta dos trabalhadores.

3 ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA

A análise das obras revelou que, tanto na tradição liberal quanto na marxista, há consenso quanto à importância política e social da organização coletiva dos trabalhadores. Associações e sindicatos são vistos, em ambas as perspectivas, como meios essenciais de defesa de interesses e de fortalecimento da ação coletiva. Contudo, as finalidades e os fundamentos ideológicos divergem amplamente.

Na tradição liberal — representada por autores como Mill, Rawls, Berlin e Bobbio —, associações e sindicatos são concebidos como instituições legítimas que operam dentro do sistema político e econômico vigente. Têm caráter regulador e conciliador, buscando equilibrar as relações entre capital e trabalho e promover o pluralismo democrático. Mill destaca seu valor educativo e cooperativo (Mill, 1983); Rawls as entende como corpos intermediários na estrutura justa da sociedade (Rawls, 2003); e Bobbio as reconhece como mediadoras entre Estado e sociedade civil (Bobbio, 2000).

Já na tradição marxista — de Marx, Engels, Lênin e Bakunin —, essas organizações são vistas como instrumentos históricos da luta de classes e da transformação social. Marx e Engels as consideram formas embrionárias da consciência de classe (Engels; Marx, 2010); Lênin as critica quando limitadas ao “economicismo”, defendendo sua orientação revolucionária; (Lênin, 1988) e Bakunin propõe associações autogeridas e federativas como base de uma nova ordem social (Bakunin, 2015). Não foram encontrados dados satisfatórios para o autor Isaiah Berlin (Berlin, 2002).

A principal divergência entre as tradições está no papel atribuído ao Estado: para os liberais, ele é o espaço legítimo de mediação e justiça social; para os marxistas, representa a dominação de classe que deve ser superada ou transformada. Também diferem quanto à autonomia e à centralização — os liberais defendem o pluralismo institucional, enquanto os marxistas propõem uma ação coletiva voltada à ruptura do sistema capitalista.

A análise quantitativa (tabela 1 e tabela 2)) reforçou essas diferenças: nas obras liberais, o termo “Associação” é mais recorrente, ligado à liberdade e à sociedade civil; nas obras marxistas, predominam “Sindicato” e “Sindicalismo”, associados à luta de classes e à transformação revolucionária. Assim, conclui-se que, embora ambas as tradições reconheçam o valor da organização coletiva, elas divergem radicalmente quanto à sua função — manutenção da ordem no liberalismo e superação do sistema no marxismo.

Tabela 1 — Dados quantitativos para comparar as tradições - filósofos marxistas

	Associação	Sindicato	Sindicalismo	Associações
Friedrich Engels Manifesto Comunista	6	0	2	1
Vladimir Lenin Que fazer?	1	25	19	3
Mikhail Bakunin Estatismo e Anarquia	* texto em espanhol	* texto em espanhol	* texto em espanhol	* texto em espanhol
Karl Marx O capital	21	7	0	3

Fonte: Autoria própria (2025)

Tabela 2 — Dados quantitativos para comparar as tradições - filósofos liberais

	Associação	Sindicato	Sindicalismo	Associações
John Stuart Mill Princípios de Economia Política	142	13	0	95
Isaiah Berlin Dois conceitos de liberdade	0	0	0	0
John Rawls Liberalismo Político	22	0	0	1
Norberto Bobbio O Futuro da Democracia	9	11	1	5

Fonte: Autoria própria (2025)

4 RESULTADOS ATINGIDOS

No âmbito da solução proposta, os resultados obtidos confirmam o alcance dos objetivos estabelecidos no início do projeto. O estudo teve como propósito examinar e comparar as interpretações das tradições filosóficas marxista e liberal sobre os conceitos de “Associação”, “Sindicato” e “Sindicalismo”, analisando suas implicações para as práticas organizacionais dos trabalhadores no contexto atual.

A pesquisa evidenciou tanto convergências quanto divergências entre as duas correntes teóricas no que se refere à função social e política das organizações trabalhistas na busca por justiça econômica e emancipação social. Também foi analisado como essas perspectivas influenciam a estrutura interna, os princípios e as normas que orientam o funcionamento das entidades de classe, além de sua atuação contemporânea. Foram estudados casos atuais que ilustram a presença e a aplicação dos fundamentos marxistas e liberais nas estratégias e práticas de organização coletiva.

Os resultados da investigação foram apresentados na 11ª edição do Seminário de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação do IFSC (Sepei 2025), onde as pesquisadoras responsáveis compartilharam suas análises, contribuindo para o fortalecimento do debate acadêmico e para a difusão do conhecimento.

Assim, acredita-se que a futura publicação deste trabalho, e divulgação em outros eventos, poderá oferecer uma contribuição relevante para o aprofundamento da compreensão sobre os princípios marxistas e liberais aplicados às organizações de trabalhadores, estimulando a reflexão crítica, o exercício da cidadania e o entendimento mais amplo sobre o papel político e social de sindicatos e associações no mundo contemporâneo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada nesta pesquisa evidenciou que as formas de organização dos trabalhadores — como associações, sindicatos e o movimento sindicalista — não podem ser compreendidas de modo uniforme. Elas expressam diferentes disputas teóricas, políticas e econômicas que refletem contextos históricos e tradições filosóficas distintas. A comparação entre as perspectivas marxista e liberal mostrou que, embora partam de fundamentos ideológicos divergentes, ambas reconhecem a relevância da ação coletiva como meio de defesa e representação dos trabalhadores.

Na visão liberal, sindicatos e associações integram legitimamente a estrutura social, atuando dentro do sistema econômico e político para equilibrar as relações entre capital e trabalho. São concebidos como espaços de diálogo e negociação voltados à estabilidade e ao aperfeiçoamento da ordem vigente. Já na tradição marxista, essas organizações assumem um papel essencialmente político e revolucionário, sendo vistas como instrumentos de luta de classes e transformação social. Nesse contexto, a organização coletiva é entendida como via de emancipação do proletariado e superação do sistema capitalista.

Apesar das diferenças, ambas as tradições convergem quanto à importância da organização coletiva, divergindo, contudo, quanto ao seu propósito final: enquanto o liberalismo busca preservar e aprimorar o sistema, o marxismo propõe transformá-lo radicalmente. Na atualidade, contudo, as fronteiras entre associações e sindicatos têm se reconfigurado diante da precarização do trabalho e do enfraquecimento das estruturas sindicais tradicionais, abrindo espaço para novas formas de mobilização e resistência que dialogam com essas heranças teóricas.

Os resultados obtidos ressaltam a relevância do tema para o campo acadêmico e social, ao promover reflexões sobre os fundamentos ideológicos que orientam a ação coletiva e a organização trabalhista. Apesar das dificuldades enfrentadas, como a escassez de materiais filosóficos específicos e a complexidade das obras analisadas, o estudo contribui para o fortalecimento da criticidade, da cidadania e da compreensão sobre o papel histórico e atual das formas associativas e sindicais.

Conclui-se, portanto, que compreender a relação entre marxismo e liberalismo na formulação dos conceitos de “Associação”, “Sindicato” e “Sindicalismo” permite não apenas



interpretar a trajetória histórica das organizações trabalhistas, mas também repensar seus desafios e possibilidades no mundo contemporâneo. Essas categorias revelam-se, assim, como expressões vivas das contradições e transformações que caracterizam o trabalho e a ação coletiva na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: **Boitempo Editorial**, 1999. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Os_sentidos_do_trabalho/6sr-Q_prmPUC. Acesso em: 26 abr. 2025.

BAKUNIN, Mikhail. Estatismo e anarquia. São Paulo: **Hedra**, 2015. Acesso em: 01 jul. 2025.

BERLIN, Isaiah. Dois conceitos de liberdade. In: _____. Quatro ensaios sobre a liberdade. Brasília: **Editora Universidade de Brasília**, 2002. Acesso em: 26 abr. 2025.

BOBBIO, Norberto. O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo. 15. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2000. Acesso em: 23 mai. 2025.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: **Boitempo**, 2010. Acesso em: 04 ago. 2025.

LENIN, Vladimir. Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento. São Paulo: **Editora Hucitec**, 1988. Acesso em: 05 jul. 2025.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: **Boitempo**, 2017. Acesso em: 20 ago. 2025.

MILL, John Stuart. Princípios de economia política. São Paulo: **Abril Cultural**, 1983. (Coleção Os Economistas). Acesso em: 17 mai. 2025.

RAWLS, John. Liberalismo político. 2. ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 2003. Acesso em: 08 jun. 2025.

OLIVEIRA, Francisco. Crítica à razão dualista/O ornitorrinco. São Paulo: **Boitempo Editorial**, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=p8Lwj8kjd8C>. Acesso em: 26 abr. 2025.